

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

**O CONTATO DESCRITO PELOS LAKLÃNÕ XOKLENG, OS DESCENDENTES DE  
KAINGANG E AS TROCAS DE COSTUMES E SABERES**

OSIEL KUITA PATE

FLORIANÓPOLIS/SC

2020

OSIEL KUITA PATE

**O CONTATO DESCRITO PELOS LAKLÃNÕ XOKLENG, OS DESCENDENTES DE  
KAINGANG E AS TROCAS DE COSTUMES E SABERES**

Trabalho apresentado como requisito para a obtenção do título em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Terminalidade em Gestão Ambiental na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Profa. Dra. Juliana Salles Machado.

FLORIANÓPOLIS/SC

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pate, Osiel

O CONTATO DESCRITO PELOS LAKLÂNÔ XOKLENG, OS  
DESCENDENTES DE KAINGANG E AS TROCAS DE COSTUMES E SABERES  
/ Osiel Pate ; orientadora, Juliana Salles Machado, 2020.  
50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural  
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica. 2. Laklânô Xokleng. 3. Kaingang. 4. Contato. I.  
Salles Machado, Juliana. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da  
Mata Atlântica. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA  
MATA ATLÂNTICA

#### ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 12 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 15:30 horas, na Sala 110 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Orientador Juliana Salles Machado e Presidente, Professor Kercia P. Figueiredo Peixoto, Membro da Banca, e Professor, Elis do Nascimento Silva Membro da Banca, designados pela Portaria nº 2106 2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Osiel Kuita Pate subordinado ao título: “O contato descrito pelos Laktanô/Kokleng e os descendentes de Kangang, na terra indígena Laktanô/Kokleng e as lutas de costume e saberes”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Juliana Salles Machado a nota final 10, do Professor Kercia P. Figueiredo Peixoto, a nota final 10, e do Professor Elis do Nascimento Silva, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

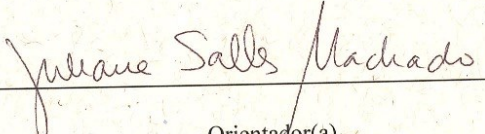
Prof. Juliana Salles Machado  
Prof. Kercia Priscilla Figueiredo Peixoto  
Prof. Elis do Nascimento Silva  
Candidato Osiel Kuita Pate



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) Osiel Kuita Pate, matrícula n.º 16105944, entregou a versão final de seu TCC cujo título é O Contato Descrito pelos Laklãnõ/Xokleng, os Descendentes de Kaingang e as Trocas de Costumes e Saberes, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

  
Orientador(a)

## **AGRADECIMENTOS**

Deixo aqui o meu primeiro agradecimento a Deus por ele ter me colocado em uma família muito maravilhosa, me deixou pais maravilhosos, também agradeço porque só ele sabe o quanto foi difícil chegar até uma Universidade e de quantas barreiras tive que passar, dos momentos tristes que me levaram a pensar em desistir deste curso de licenciatura intercultural indígena, mas foi ele quem me deu força para prosseguir. Agradeço meus pais João Pate e Alexandrina Pripra Pate porque eles são a causa da minha existência, sou grato pelo apoio que me deram por que mesmo tendo pouco estudo me apoiaram e me deram ânimo para seguir em frente e lutar pelos meus sonhos e para que eu tivesse uma vida melhor.

Minha esposa Maria Lúcia Otto Pate que foi minha companheira, amiga, parceira e que há nove anos vem acreditando no meu potencial, que tem muitas vezes aguentado firme mesmo quando ficou sozinha e vez ou outra esteve comigo na universidade, muitas vezes sem recurso financeiro, mas nunca desistiu de lutarmos juntos, que me presenteou com dois filhos lindos à quem sou grato, a menina veio nos quatros anos de peleja na universidade, esse agradecimento também alcança meu filho Francisco, que muitas vezes esteve comigo na luta. Enquanto estive na universidade andávamos juntos pela universidade, estive junto comigo até o último dia do término deste trabalho, a minha filha Kemilly Lag Koziklã que em meio a tantos problemas e dificuldades veio me trazer felicidade e dar um empurrãozinho para lutar pelos meus sonhos, aos anciões que colaboraram com seus conhecimentos e saberes, pois sem eles este trabalho não teria início muito menos conclusão, agradecimento aos meus antepassados que lutaram e usaram de sabedoria para fazer o contato com o branco para que hoje esta comunidade ainda existisse em especial os senhor Kovi, Vomblê, Kuita e Wanhekã (in memoriam), aos meus irmãos que de uma forma ou outra fizeram parte deste trabalho, a comunidade Laklãõ a qual pertenco e que foi meu ponto chave para a realização deste trabalho, aos descendentes de Kaingang que fazem parte desta comunidade e através deles agradecer seus antepassados (in memoriam) que foram essenciais para que ocorresse o contato.

Deixo o meu agradecimento a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que tem sido o centro principal para minha formação neste curso, aos meus professores em geral que tem feito parte da minha vida acadêmica e que através deles tenho obtido muitos conhecimentos, a toda coordenação do curso de Licenciatura Intercultural do Sul da Mata Atlântica, não posso deixar de agradecer minha orientadora a Professora. Dra. Juliana Salles Machado que mesmo vendo minha dificuldade e atraso, não tem medido esforço para me ajudar e orientar e tem feito este ótimo trabalho de finalização, meu muito obrigado a todos aqueles que não pude lembrar e citar mas eu sei que tem colaborado de um jeito ou outro, enfim muito obrigado a todos que agora me fogem da memória.

## **RESUMO**

Este trabalho é um relato do contato Laklãnõ Xokleng com os brancos, contado de uma forma diferente de outros pesquisadores e historiadores, pois parte da visão da comunidade indígena. Tento sintetizar o conhecimento conforme os relatos da comunidade da Terra Indígena Laklãnõ, para que se possa entender como os Laklãnõ se organizaram ainda na mata para que pudesse ser realizado o contato com o branco. Trago também a importância do papel dos Kaingang da bacia do Tibagi no Paraná para a realização do contato e de como seus descendentes se miscigenaram em casamentos interétnicos entre os Laklãnõ e os brancos da região. Ao final, esta pesquisa traz ainda como é hoje a formação da Terra Indígena Laklãnõ e sua constituição populacional.

**Palavras chaves:** Contato, Laklãnõ, Kaingang

## **ABSTRACT**

This work is an account of the Laklãnõ Xokleng contact with the white people told in a different way from other researchers and historians, as it is part of the indigenous community's vision. I try to synthesize knowledge according to the reports of the Laklãnõ community within the Indigenous Land, so that one can understand how the Laklãnõ organized themselves in the forest so that contact with white people could be made, also brings the importance of the role of the Kaingang from the Tibagi basin in Paraná in the process of making contact and how their descendants were miscegenated through interethnic marriages between the Laklãnõ and the whites of the region. In the end, this research also brings the formation of the Laklãnõ Indigenous Land and its population constitution today.

Key-words: Contact, Laklãnõ, Kaingang

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Kaingang Joggóg Kahe Pripra, Xokleng Lindja Konheko. Acervo João Pate.

Figura 2: Kaingang Aristides F. Criri com Silvio Coelho. Acervo LABHIN.

Figura 3. prancha com genealogia da família Pripra.

Fig.3: prancha com genealogia da família Pripra.

Fig.4: prancha com genealogia da família Criri

Fig.5: prancha com genealogia da família Nuc-Foro.

Fig.6: prancha com genealogia da família Almeida

Fig.7: prancha com genealogia da família Almeida. (O José de Almeida desta prancha é o mesmo que tem filhos com Kugfenh e sua enteada Maria)

## **LISTA DE COLABORADORES**

João Pate, 76 anos, sobrinho do Kovi, morador da aldeia Koplãg da Terra Indígena Laklãñõ, aposentado.

Neli Wjkã, primo de João Pate e sobrinha do Kovi, moradora da aldeia Sede, da Terra Indígena Laklãñõ, aposentada.

You Maurina Ingaclã, 36 anos, bisneta do Vomblé, moradora da aldeia Pliplatõl, da Terra Indígena Laklãñõ, professora da escola Laklãñõ e aluna da Licenciatura Intercultural Indígena do sul da Mata Atlântica.

Osias Tucum Pate, 43 anos, filho de João Pate e morador da aldeia Bugio da Terra Indígena Laklãñõ, professor da escola Vanhecu Patté.

Voie Camlem, 72 anos, morador da aldeia Figueira, Terra Indígena Laklãñõ, aposentado.



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10	
INTRODUÇÃO	14	
CAPÍTULO 1. O CONTATO		
1.1 QUEM SÃO OS LAKLÃNÕ/XOKLENG	17	
1.2 O ENCONTRO DE EDUARDO HOERHANN COM OS LAKLÃNÕ/XOKLENG (BOTOCUDOS)	27	
CAPÍTULO 2. OS KAINGANG E SEUS DESCENDENTES		32
CAPÍTULO 3: A CONSTITUIÇÃO DE ETNIAS INDÍGENA NA T.I LAKLÃNÕ		
3.1 Quem são os Xokleng/Laklãnõ	43	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	49	

## APRESENTAÇÃO

Meu nome é Osiel Kuita Pate, sou da etnia Laklãnõ/Xokleng, nascido em 14 de outubro de 1981, brasileiro, natural da Terra Indígena Laklãnõ, sou filho do Senhor João Pate e de dona Alexandrina Pate ambos indígenas do povo Laklãnõ/Xokleng, sendo ela uma das descendentes de Kaingang que se autodenomina Laklãnõ/Xokleng. Sou casado com Maria Lucia Otto Pate e pai de duas crianças maravilhosas, Francisco Kaudag Jove Pate de oito anos e Kamyli Lag Koziklã Pate de 9 meses, ela chegou em um momento muito difícil da minha vida e tem me dado mais ânimo para viver.

Aqui irei fazer uma apresentação da minha vida desde meus tempos de infância e irei também descrever os meus trajetos enquanto universitário, das minhas dificuldades de chegar a uma universidade e de cursar um curso universitário, também como cheguei na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para assim estar cursando o e finalizando o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

A família a qual pertenço é composta por oito pessoas, meus pais e meus cinco irmãos, sendo na seguinte ordem decrescente: Marlene Pate, Livai Pate, Asmone Pate, Osias Tucumg Pate e Oséias Ndili Pate, sendo eu o penúltimo dos filhos, posso dizer que sou grato a Deus por me ter colocado entre esta família maravilhosa.

O grande motivo que me levou a fazer este trabalho de pesquisa foi o fato de que quando Kougdúj chegou na Terra indígena Laklãnõ teve um relacionamento com a Laklãnõ Wanhkãl e deste relacionamento é concebida minha vó Tereza Dug Pripra. Quando já crescida Tereza casa-se também com um Laklãnõ, então deste casamento é gerada minha mãe, Alexandrina que também casa-se com João Pate, união da qual sou gerado. É importante ressaltar que meu pai é Laklãnõ, mas ele foi adotado por Joggóg que é um dos integrantes do grupo Kaingang que vieram colaborar no contato e que casou com Kônheko, uma Laklãnõ mas ela era estéril. Sua irmã, Koziklã, percebendo que Kônheko em sua velhice ainda não tinha concebido filho, combinou com seu marido Vaipõ Pate, como era costume Laklãnõ dar seus filhos para parentes criarem, entregaram meu pai para Kônheko e seu esposo Joggog. Então esses são os motivos que me ligam ao grupo Kaingang e que me levaram a trabalhar este tema, também por fazer parte da família Pate, que teve grande participação para que acontecesse o contato, pois Kovi que é um dos personagens principais no contato de 1914 é justamente tio de meu pai, sendo então meu tio avô. Fazer parte das famílias que tiveram os personagens principais no contato fez com que eu tivesse interesse em escrever o contato Laklãnõ ocorrido no vale de Itajaí em Santa Catarina.

A minha vida enquanto criança foi muito divertida apesar de passarmos por algumas necessidades, devido ao meu pai não ter muito conhecimento e não ter nenhuma formação, muitas vezes ele era obrigado adentrar a mata para poder tirar alguns palmitos para vender e comprar o nosso alimento, mas como eu era criança. para mim isso se tornava divertido porque íamos todos juntos para o mato e sempre iam também outras famílias com seus filhos e então quando nos encontrávamos brincávamos em árvores e fazíamos balanço de cipó enquanto nossos pais cortavam o palmito. Quando não estavam cortando palmito eles iam para o rio pescar e muitas vezes ficavam semanas pousando no rio pescando e isso pra mim era muito bom, porque eu me divertia muito nadando no rio com as outras crianças. Meu pai foi cacique no ano de 1992 e foram por apenas seis meses, pois como ele era o vice e o cacique havia renunciado ele assumiu a posição de cacique, mas posso dizer que este pouco tempo foi o suficiente para ajudar a nossa comunidade, assumindo a posição de líder então passou a liderar os trabalhos comunitários pois nesta época quase tudo era feito de forma comunitária, principalmente as plantações da época. Lembro-me que num desses encontros da comunidade para fazer a colheita do milho que havia sido plantado pela comunidade, estava eu lá com meus irmãos e demais crianças e isso era muito divertido porque além de brincar, lá aprendemos a fazer vários tipos de armadilhas e laços para pegar bichos e pássaros que chegavam para comer o milho plantado, esse bichos e pássaros eram nosso alimento enquanto se fazia a colheita.

No ano de mil novecentos e noventa e três meus pais foram morar na aldeia bugio devido a alguns conflitos políticos ocorridos na Terra indígena Laklãnõ e como o conflito era maior na aldeia Sede eles decidiram se mudar de aldeia bugio. Moramos aproximadamente um ano na aldeia bugio, pois um dos primos de meu pai havia o convidado para morar com ele em sua casa e também a minha irmã mais velha já morava lá. Chegando lá meu pai juntamente com meu irmão Livai que já era casado, começaram trabalhar na extração de canela sassafrás, que era o único meio de trabalho que tinha para obter o alimento para nosso sustento. Como era somente meu pai e meu irmão que estavam trabalhando, então eu e meus outros irmãos tivemos que abandonar nossos estudos para poder ajudar no serviço. No ano seguinte retornamos para a aldeia Sede, então retornei aos meus estudos, mas não ficamos muito tempo por lá, porque no mês de maio meu pai foi chamado como missionário pela Igreja Evangélica Assembléia de Deus do município de Jacinto Machado e era para meus pais estarem como missionários na Terra indígena Ivai, no município de Manoel Ribas P.R mas somente no dia 11 de junho fizemos nossa mudança. Nesta ida para a T.I Ivai foram com meus pais eu e meus irmãos Asmone Pate, Osias T Pate e Oseias N Pate e minha sobrinha

Antônia Pate ficamos morando lá dois anos e meio depois retornamos para a terra indígena Laklãnõ e depois de quatro anos retornamos para o Paraná mas desta vez foi na terra indígena do Apucarantina e lá comecei o meu ensino médio, em 2004 retornamos novamente para a terra indígena Laklãnõ e como havia reprovado no terceiro ano do ensino médio terminei meus estudos no município de José Boiteux. No ano seguinte passei no vestibular para estudar medicina na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e fiquei estudando por dois anos e meio, mas não consegui terminar devido a problemas financeiros e então retornei para minha terra natal. Em 2016 participei do vestibular para o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina e hoje me sinto orgulhoso em estar finalizando um curso de Graduação pois sou o segundo filho do senhor João Pate e de Dona Alexandrina Pate a fazer um curso de graduação e esses quatro anos foram muito valiosos em minha vida, apesar de muitos problemas terem ocorrido comigo durante esta trajetória.

## **Os Pacificadores**

*João Adão Nunc-Nfoonro de Almeida 2017*

Vocês que estão me olhando também me ouvindo falar.  
Tirem o lenço do bolso, porque podem chorar.  
Conhecerão a realidade que aqui vou registrar.  
Saberão que história completa ela não esta.  
Pois não fala dos Kaingang que vieram do Paraná.

Eduardo não estava só, para os Xokleng pacificar.  
Porque não contar a verdade dos que vieram lhe ajudar.  
Na história não aparece. Seus nomes no anonimato está.  
Mais no decorrer deste poema conhecê-los tu iras.

Kanduy e seus 4 filhos, vieram no rio Plate se instalar.  
Rosa e também Messia índias lindas de olhar.  
Também Jóngón e Olímpio, esta é a família Pripra.  
O índio Janguinho Criri que junto veio desbravar  
Com eles Cândida Nunc-nfônro esposa de Olímpio Pripra.

Todos estes índios valentes, que vieram morar aqui.  
Formaram esta grande tribo, Xokleng, Kaingang e Guarani.  
O poema que estás ouvindo, sei que vai te emocionar.  
E se tiver consciência correndo vem nos ajudar.  
A defender os direitos que a constituição nos dá.

## INTRODUÇÃO

A Terra Indígena Laklãnõ está situada no vale do Itajaí entre os municípios de José Boiteux, Doutor Pedrinho Vitor Meireles, Itaiópolis e Rio Negrinho e a 242,1 km de Florianópolis. Este trabalho de pesquisa intitulado: “Descendentes de Kaingang da bacia do Tibagi P.R na Terra Indígena Laklãnõ e as trocas de costumes e saberes na vida Laklãnõ/Xokleng” traz fatos ocorridos no contato Laklãnõ com a sociedade não indígena. A partir deste ponto de vista, pode-se dizer que o outro lado da história foi silenciado, já que este lado heróico do povo indígena Laklãnõ e Kaingang é pouco mencionado. Os pesquisadores pouco falam e de como se deu a iniciativa do grupo Laklãnõ de fazer o contato com os indígenas quando ainda estavam na mata. É importante ressaltar o fato de a comunidade Laklãnõ não reconhecer o termo de **pacificação** mas **contato**, tendo sido o primeiro muitas vezes descrito em trabalhos de pesquisas histórica e antropológicas e outras pessoas não indígenas, que muitas vezes não conhecem o outro lado da história do contato contada pelos indígenas Laklãnõ e da façanha heróica dos líderes deste povo que muito fizeram quando ainda estavam na mata para que pudesse salvar todo o grupo junto às crianças que estavam órfãs, devido seus pais terem sido mortos por bugreiros quando atacavam os acampamentos. Para eles este termo é pejorativo e este modo de pensar é para eles como se não tivessem espírito. Esta pesquisa vem trazer como e porque os Laklãnõ decidiram ter o contato com o não indígena, para que assim pudessem ter feito o encontro com Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, então é evidente que o contato também era de suma importância para o povo Laklãnõ e que esse encontro com os não indígenas já estava previsto e acordado entre os grupos, visto que estava previsto acontecer com Hoerhann ou talvez com outra pessoa não indígena, já que o massacre e a dizimação era muito grande por parte dos bugreiros, colonos e o próprio governo do Brasil. Mas é importante ressaltar que a vinda dos Kaingang facilitou ainda mais o contato buscado pelos Laklãnõ, isto ocorreu devido ao idioma e costumes destes povos serem muito parecidos, tendo sido eles os primeiros a dialogarem com os Laklãnõ.

Conforme Tommasino (1995) os primeiros contato dos Kaingang com a sociedade não indígena e o grupo de Kayoa se deram a partir de dezembro de 1858 quando um grupo aparece as margem do rio Tibagi e deixam todos brancos apavorados, então a partir desse momento começam as tentativas de conquista sobre os Kaingang, mas estas conquistas vitoriosa na bacia do Tibagi só iniciam suas intensificação com os não indígenas a partir de

1862 e tendo o último contato em 1930 (Tommasino,1995. 121). Tendo isso sido ocorrido, há então uma grande possibilidade de o sertanista Hoerhann buscar os kaingang para que pudesse ajudar contato com Laklãnõ/Xokleng em 1914. Hoerhann aprende a língua Kaingang, que é muito parecida com a língua Laklãnõ/Xokleng, por ser do mesmo tronco e família linguística, o que possibilitou que viessem a se comunicar com o novo grupo indígena. O sertanista não somente aprendeu a língua, mas também teve a idéia de trazer um grupo de pessoas e que eram da mesma família, para que pudesse auxiliá-lo no trabalho do contato com o grupo indígena mencionado, que na época eram conhecidos como Botocudos. Este grupo de Kaingang que vieram eram constituídos por pai, filhos, genro, nora e netos.

Para a realização desta pesquisa utilizei de entrevistas com três anciões e uma professora da terra indígena Laklãnõ e um ancião da terra indígena apucarantina no Paraná como metodologia de pesquisa. todas as entrevistas foram realizadas em 2019 quando eu pude conversar (entrevista não estruturada) com eles, que permitiram que nossas conversas fossem gravadas em áudio. o resultado destas entrevistas será apresentado ao longo deste trabalho. Baseado em pesquisa de campo na tarde do dia 3 de janeiro de 2019 com o ancião da etnia Laklãnõ/Xokleng o senhor João Pate sendo que este foi adotado por um dos kaingang que vieram do Paraná, este levantamento da genealogia dos Kaingang foi construído conforme o relato do senhor Pate, e teve como ponto de partida as pessoas que chegaram com Eduardo de Lima e Silva Hoerhann no contato ocorrido no dia 22 de Setembro em 1914 com a etnia Laklãnõ/Xokleng e consiste até a terceira geração, como início dos primeiros indivíduos que chegaram com Hoerhann às margens do rio Platê, local que logo após do contato ficou conhecido como Posto Platê.

É importante ressaltar que o grupo de Kaingangs trazido do Paraná para o contato com os Laklãnõ, vieram da bacia do Tibagi entre os municípios de Assaí, Jataizinho, Ibiporã, Londrina, Ortigueira e São Jerônimo da Serra. Após ocorrido o contato os descendentes de Kaingang continuaram a morar na TI Laklãnõ. Este trabalho foi feito na intenção de que o povo Laklãnõ saiba da coragem e vontade de continuar a viver de seu povo, que para isso optaram por entrar em contato com a população não indígena, tendo proposto o encontro que aconteceria para que o seu extermínio não mais ocorresse e que seus filhos continuassem a viver entre os brancos (zug, kokoleng). Também trago aqui a reflexão para os descendentes de Kaingang da importância de seus antepassados na história do contato Laklãnõ/Xokleng. Enfim, é importante ressaltar que é necessário que a comunidade possa entender como se deu a formação da TI Laklãnõ no pós contato e de como isso tem feito com que a cultura desta comunidade fosse enriquecida após o encontro das duas culturas que por sinal não são muito

diferentes por serem do mesmo tronco e família linguística e que isso é muito importante para o povo Laklãnõ.

Decidi pesquisar este tema porque a comunidade Laklãnõ/Xokleng teve uma miscigenação com a etnia Kaingang após o contato.

A pesquisa para mim terá uma importância pessoal, pois meu pai sendo Laklãnõ/Xokleng foi adotado por um dos Kaingang e minha mãe é neta de um dos ajudantes do sertanista Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, além de ser de suma importância para a comunidade Laklãnõ/Xokleng.

Quero mostrar a importância da história do contato contada por indígenas e colocar como o contato foi visto pelos Xokleng e pelos Kaingang, o passo a passo do ponto de vista indígena. Quero fazer com que as famílias descendentes que hoje estão desconhecidas da sua história, costumes e até mesmo seus parentescos conheçam sua própria história.



## **CAPÍTULO 1: O CONTATO**

### **1.1 QUEM SÃO OS LAKLÃNÕ/XOKLENG**

A Terra Indígena Laklãnõ, inicialmente conhecida como Posto Platê, seguido como Posto Indígena Duque de Caxias e depois como Posto Indígena Ibirama e atualmente como terra indígena Laklãnõ, está localizada no estado de Santa Catarina ao noroeste de Florianópolis e a oeste de Blumenau, situada entre os municípios de José Boiteux, Doutor Pedrinho, Vitor Meireles e Itaiópolis, na região do Vale do Itajaí conhecido como Vale Europeu, com um tamanho de quatorze mil hectares e uma população de aproximadamente três mil (3.000) pessoas.

O povo Laklãnõ/Xokleng faz parte da família Jê do Sul ou Jê Meridional, do tronco linguístico macro Jê podendo ser afirmado que são parentes próximos dos Kaingang. Este povo sempre teve suas andanças entre Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mais precisamente nas florestas do litoral e planalto, de Paranaguá a Porto Alegre e entre as florestas do rio Iguaçu e os campos de palmas cc. Este era seu território tradicional pois são áreas de Mata Atlântica com grande vegetação de araucária que eram continham a base da sua alimentação, como o pinhão e raízes silvestres, carne de animais de grande porte (como veado e principalmente a anta), pássaros, mel e frutos, e por isso seus trajetos eram principalmente em florestas de araucária.

O povo Laklãnõ/Xokleng foi denominado de várias formas, sendo eles Bugres, Botocudos, Aweikoma, Xokrén, Kaingang de Santa Catarina e Aweikoma Kaingang, todos colocados de um modo pejorativo pelo branco (Nötzold e Rosa, 2011, p, 10). Segundo o ISA; “está duas últimas denominações se deu devido as línguas e cultura ter muita proximidade entre Xokleng e Kaingang e não é a auto-denominação dada por este povo, isso ocorreu também pelo fato de os pesquisadores daquela época e também outros não indígenas desconhecerem a história dos laklãnõ. O nome Xokleng foi colocado por pesquisadores que observaram seu modo de viver e através disto os nomearam desta forma, mas os Laklãnõ sempre se identificaram por seu nome tradicional (Laklãnõ que quer dizer, "em baixo do sol") que desde seu tempo de andanças pelas matas tinham este nome. Esta auto denominação se deu pelo grupo fazer suas caminhadas em baixo do sol, sempre o tendo como sua referência.

O termo Xokleng, nome dado pelos pesquisadores e que significa “aranha” ou “taipa”, até então foi o mais utilizado pelos colonizadores para nomear este povo, mas antes disso, como já afirmamos acima, já se conheciam como Laklãnõ, esse sempre foi o nome de identificação tradicional. Assim, os Laklãnõ se identificavam etnicamente e com nomes em Laklãnõ. [...] (Popó, 2015, p 15)

Ainda segundo Gakran (2015) o nome Xokleng tem dois significados que foram traduzidos por pesquisadores que estiveram na Terra Indígenas Laklãnõ, um estaria relacionado a como se escondiam das chuvas em baixo das grutas ou taipas e o outro seria a forma como eram carregadas suas caças em suas costas, da mesma forma que a aranha carrega seus filhotes. Mas, segundo Gakran, estas duas versões são feitas por dois pesquisadores diferentes, então por volta dos anos de 1980 a própria comunidade passa a buscar ser identificada por seu nome tradicional.

Na pesquisa mencionada, chegou-se a algumas conclusões sobre a etimologia do nome mais comum atribuído a eles, como xó ou txó kleng ou klëoi lembrado durante a pesquisa citada. De acordo com Gakran (2005), o pesquisador perguntou para seu parente como eles se protegiam da chuva e este respondeu dizendo que, em grande época de chuva, protegiam-se debaixo dos paredões de pedra. Na pesquisa mencionada, chegou-se a outra interpretação sobre o mesmo nome: Xokleng ou txuklëg. Outro pesquisador perguntou como eles faziam quando matavam um boi nas fazendas dos não-índios e o parente consultado, sobre o nome txuklëg, respondeu que, quando matava um boi, eles o esquartejavam e um homem carregava tudo nas costas, numa mochila feita por eles, de taquara. Interpretando esta informação, os nomes foram comparados com o nome para aranha. Dessa forma, conclui-se que o nome Xokleng, de maneira equivocada ou preconceituosa, identificava o povo como homens da montanha ou homens que vivem debaixo de paredões de pedras ou povo da caverna, ou, finalmente, homens-aranhas.

É importante citar que, em uma das histórias que gravei com os sábios anciãos, entre 1983 a 1985, foi mencionado o nome Laklãnõ. (Gakran, 2015, p,24)

Os Laklãnõ acreditavam em espíritos bons e maus. A partir dos anos de 1850 começa a ocupação e a colonização no médio vale do Itajaí, isso ocorre através da negociação entre Hermann Blumenau e seu sócio Fernando Hackradt com o governo Imperial, então Blumenau

passa a ser diretor da colônia, que então em 1852 sua casa é atacada por um grupo Laklãnõ e dois acabam morrendo e são encontrados no entorno da casa. Pelo ponto de vista indígena estes ataques não eram feitos por maldade, mas sim pelo fato de seus territórios tradicionais estarem sendo ocupados por pessoas estranhas, com a ocupação dos territórios tradicionais Laklãnõ/Xokleng.

Conforme mencionado na introdução, os Laklãnõ/Xokleng eram denominados pelos primeiros pesquisadores de Botocudos pelo fato de usarem botoques. Também o termo Xokleng veio do . Fazem parte do tronco macro Jê e família linguística Jê, também conhecidos como Jê meridional. Seu trajeto anterior ao contato localizava-se entre Rio grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, por isso também eram muitas vezes chamado de Kaingang de Santa Catarina por algumas autoridades e pesquisadores da época.

Eles já ocuparam uma vasta região do sul do Brasil, desde o centro do Paraná até o Nordeste do Rio Grande do Sul, incluindo quase todo o centro-leste do Estado de Santa Catarina. Os primeiros registros em documentação escrita sobre o povo Xokleng/Laklãnõ, parecem ser algumas cartas de Jesuítas Espanhóis das Missões do Guairá, no início do século XVII. Entre muitas outras coisas há ali referências às práticas da cremação dos mortos, segundo consta no trabalho de Sílvio Coelho dos Santos (1973). No final do século XVIII, a expedição portuguesa para descoberta dos campos de Guarapuava, dirigida por Afonso Botelho de Sampaio e Souza, registrou em seu mapa daqueles campos, os aldeamentos indígenas que ele visitou, denominando seus moradores como gentio Xoclan. O avanço da colonização portuguesa, a princípio através da chamada “frente pastoril”, foi aos poucos restringindo o território livre dessa sociedade indígena. (Jair Ghoguin Crendo, 2015, p. 11)

O século XVIII e XIX foi marcado por um grande massacre das populações Laklãnõ/Xokleng na região sul, isto ocorria devido ao avanço da colonização na região, que se fortaleceu ainda mais com a chegada da família real, já que após sua chegada foi criada a Lei das Terras que instituiu o direito de colonizar as terras “devolutas”.

Esta lei das terras foi sancionada em 11 de setembro de 1850 e dispõe das terras que não estavam sendo ocupadas ou não estavam sob os domínios do estado, de uso público nacional, provincial e municipal, e também falava das terras que deveriam ser reservadas para a colonização das populações indígenas e para que nestas terras fossem feitos povoamentos

para que diminuíssem os confrontos com os europeus que estavam chegando para colonizar o interior do Brasil. Segue trecho do documento:

Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por titulo de sesmaria sem preenchimento das condições legais. bem como por simples titulo de posse mansa e pacifica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a titulo oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colonias de nacionaes e de estrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonisação estrangeira na forma que se declara.

[...]

Art. 12. O Governo reservará das terras devolutas as que julgar necessarias: 1º, para a colonisação dos indigenas; 2º, para a fundação de povoações, abertura de estradas, e quaesquer outras servidões, e assento de estabelecimentos publicos: 3º, para a construção naval

BRASIL, LEI Nº 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850.

Esta lei veio como uma forma de segurança para quem estava chegando em busca de uma vida melhor, então através disso o povo adentrava as matas e isso fazia com que os indígenas viessem a ficar acuados muitas vezes sendo obrigados a lutar por seus territórios e isso fazia com que houvesse enfrentamento entre indígenas e colonos, tendo sido Blumenau a principal colônia que teve seu início através da Lei das Terras:

O processo de colonização de terras no vale do Itajaí teve impulso com a Lei de Terras de 1850, tratava de regras sobre a colonização de terras devolutas do império e determinava, entre outras providências importantes, seu aproveitamento (HERING, 1987). A partir dessa lei o governo imperial permitia a divisão e revenda dos lotes aos colonos. Durante este período inicia a Colônia Blumenau, em 1850, dando impulso como pólo de desenvolvimento à toda a região do vale (GRANDI, et al, 2009).

(Garrote, 2012, pag. 5-6)

Pode-se dizer que baseado nesta lei das terras o extermínio foi legalizado no Brasil para aquelas pessoas ou grupo que interferisse no desenvolvimento do país e as pessoas e grupos que foram afetadas por esta lei foram principalmente as populações indígenas, que eram mortas por batedores de mato, também conhecidos por bugreiros, que eram contratados

pelo governo e pelos fazendeiros e outras pessoas que estavam chegando para colonizar as terras ditas "devolutas". Como a região do vale do Itajaí estava sendo colonizada e o progresso do brasileiro não podia parar, muitos Laklãnõ/Xokleng foram mortos pelos bugreiros e o mais conhecido pelos indígenas, que causou muitas mortes para a sua comunidade são os bugreiros Martin Bugreiro e Ireno Pinheiro. Esses bugreiros chegavam nos acampamentos muitas vezes de surpresa e matava os indígenas enquanto dormiam, sempre davam um tiro e depois a matança continuava no facão.

Antes de deitar, os índios xoklengues penduravam as armas de caça e guerra nos galhos das árvores. Deitavam no chão, protegidos apenas por uma cobertura de folhas nas noites de chuva. Prestes a amanhecer, entravam em sono mais profundo. Era nessa hora que os bugreiros atacavam. De tocaia na mata, grupos de oito a 15 homens cercavam o acampamento. Primeiro cortavam os arcos para impedir reação. Disparavam então tiros de escopeta, para causar pânico, e o resto do serviço era feito no fio do facão: rasgavam a carne de homens e mulheres com navalhas afiadas, na barriga, nas costas, na garganta. Crianças eram jogadas para o alto para que caíssem na ponta do facão. As orelhas eram cortadas. Cada par tinha um preço, mas a orelha esquerda era a que valia para comprovar a eficiência da caçada e não deixar dúvidas da quantidade de bugres abatidos.

Depoimento do ex-bugreiro Ireno Pinheiro ao antropólogo Silvio Coelho dos Santos em 1972. ISA: Diário Catarinense, 25/06/2016.

Com o avanço da colonização no interior das matas, os indígenas Laklãnõ/Xokleng estavam sem espaço em seus territórios originários, pois estavam sendo cercados de colônias. Eles garantiam sua sobrevivência através da caça e da coleta e por isso seus espaços já não eram suficientes para manter a sua sobrevivência. Os Laklãnõ/Xokleng não eram vistos pelos colonizadores como seres humanos pelo fato de não terem uma padrão de vida igual aos seus, pois sua cultura, costumes e crenças eram completamente diferentes dos colonizadores e não tinham seu hábito de trabalhar na roça, pois eles viviam entre suas caminhadas, o que se chamou de "nômades", e viviam da coleta de frutos e de caça, motivo pelo qual não eram vistos como ser humano, mas como obstáculos para o progresso. Por não haver mais espaço, seus alimentos se tornando escassos e a mortandade de seu grupos crescendo cada vez mais pelos bugreiros, eles acharam que a melhor solução era se encontrar com os brancos e

fazerem o contato, devido há muitas crianças estarem órfãs por motivo de seu pais terem sido mortos pelo Martinho Bugreiro. Eles acreditavam que Martin era um menino que teria sido capturado por eles em uma de suas invasões na casa de um dos colonos e eles tinham medo de ser exterminado por ele, este relato foi contado a mim pelo ancião João Pate;

Meu pai Vajpõ falou que ele, o Martin, era um guri que eles pegaram numa das casas que eles entraram pra procurar comida e facão e machado, outras ferramenta dos brancos, porque já não tinha muita coisa no mato pra eles comer, porque aqui em redor já tava cheio de morador, então eles iam nas casas dos brancos que morava na beira do mato pra procurar comida ou às vezes eles ia se vingar quando os brancos tinha matado os parente deles e esse Martin bugreiro ele dizia que era o guri que eles tinha pegado numa dessas vezes que eles invadiram uma casa , quando eles chegaram na casa tinha gente na casa e era uma mulher e um homem e umas crianças daí eles mataram os outros e levaram o guri, ele era pequeno mais ou menos assim [o ancião mostra a estatura da criança, que parece ter mais ou menos 7 a 9 anos], o pai disse que depois que eles levaram ele pro mato eles cuidavam dele pra ele não ir embora de volta e onde eles ia eles levava ele, daí ele ia com eles e por onde eles passava ele marcava as madeiras com um corte, o pai disse que eles via ele marcando mais nunca perguntaram pra ele porque que ele marcava assim e nem desconfiava com ele, mais eu acho que ele marcava porque queria que alguém encontrasse ele, eu penso assim porque o pai disse que as marcas dele era diferente das marca deles, decerto ele escrevia alguma coisa mais com eles não sabia a língua dos brancos eles não entendia. Daí uma vez ele fugiu deles mais eles foram procurar ele e acharam e trouxeram ele de volta, daí ele não tentou mais fugir e ficou junto com eles, ele cresceu lá no mato, ficou, quando tava grande ele casou com uma índia e teve filho com ela. daí eles não cuidaram mais dele porque ele tinha casado e tinha filho, e ele não tentou mais fugir, por isso que eles não desconfiaram mais dele decerto tava fazendo assim porque ele queria que eles confiasse nele porque com certeza ele tava querendo fugir, daí diz que um

dia ele foi caçar pra mulher dele e ela ficou esperando, quando anoiteceu ele não voltou mais no outro dia ele não veio também e nunca mais voltou. Por isso que depois que eles saíram do mato que eles desconfiaram que era ele que matava eles porque os que iam e matava os índios conhecia bem o jeito deles como eles andava, como eles fazia pra caçar e como eles dormia. Por isso que eles decidiram fazer o contato, diz que eles se reuniram e combinaram entre eles porque era demais que o branco tava matando, tava matando eles, matava eles, tava matando, daí os índios aí como saiu aqueles do calmão lá, os *Gló kó zã to plenh*, daí esses índios que estão aqui hoje, aí saiu os *agdjin os wãnhkomã*, eles saíram, fora deles era outra família, uma outra família, daí como eles ficaram sozinho, esses *laklãnõ*, daí que eles se reuniram que eles não quiseram sair junto [Nesse ponto eu pergunto: mas os outros já tinham saído com os brancos ou os brancos tinham matado eles?] não, não, eles já tinham saído, aí que tem índio lá pro tabuleiro, lá em Florianópolis, lá pro Rio Grande, se esparramam, eles foram procurando, aí esses ficaram aqui porque já tinha Timbó, Itaiópolis, tava cercado pra cá tinha, Taió Grande me que é Salete, daí eles ficaram aqui e se reuniram pra poder conversar e ver [tosse do ancião, e momento que ele começa a chorar quando relembra a história de seus pais], eles disseram entre eles, sentaram.

[em meio a conversa com João Pate, sua esposa Alexandrina intervem e conta uma parte do que sabe]

[Alexandrina:] Acho que o pai tá esquecido que o professor, que era o Filício, ele levava nós ali pra baixo onde era o grupo velho e contava pra nós, pra nós aluno, não sei se ele tava junto ou tá esquecido, ele mostrava pra nós ali onde mora o Geraldo em cima do peral onde os índios apareceram primeiro em cima daquele peral, Geraldo lá, nosso professor até aquele tempo, ele respeitava aquele lugar, daí de vez em quando ele levava nós lá em frente assim pra baixo daquele grupo véio como diz teu pai que o Ali derrubou um pouquinho assim pra baixo, aí ele mostrava aí pra nós

aí ele dizia que os índios vieram ali aí esse Vomblê que ele fala mais o outro que eu não sei qual é o nome eu sei que o Filício contava pra nós que eles vieram ali e ficava ali daí... quieto assim te que daí eles começaram a quando o véio Eduardo fez aquelas casas lá, pra morar lá, aí ele disse daí eles começaram, daí eles tinham medo, então eles queria sair fora pra ver se alguém via, aí então eles gritava *en kake hã gritava pro nhagâl en kake hã* os kaingang é que gritava junto com eles, que era o falecido meu vô, que é pai da minha mãe, que é o Kóugduj então ele que gritava *en kake hã ta ka in só ninõ há* [está frase é na liguagem kaingang] e até que parece em dois ou três dia eles escutaram aí que o véio Eduardo procuro porque ele soube e procurou de encontrar com esses índio mas quem gritava era como diz meu avô e tinha mais índio véio de lá, que agora eu não lembro o nome deles, mas eu lembro do meu avô, que é pai da minha mãe, que é pai da véia Missia, por que quem veio com eles lá do Paraná, foi a véia Missia, ela veio, ela veio, a minha tia então, ela tava ali com eles sempre quando [Neste ponto eu pergunto: essa Missia era?] a irmã da minha mãe, por parte de pai [essa era a, como era o nome dela em indio?] o nome dela é *kãgfenh*, a mãe da Liça [a Missia que é a *kãgfenh*] ela é minha tia, e ela trouxe a Maria pequena, que é a Maria goiaba, a mãe do Lúcio, ela veio pequena, a Maria teve o Fábio, Lucio e o Timo, esses são os filhos da Maria, daí lá que eles começaram gritar lá pra cima daquele peral lá pra cima do geraldo.

[João Pate continua seu relato]

eu tava, eu ia contar assim que eles decerto pensaram assim entre eles, que os brancos ia cuidar deles, pensaram assim que se eles se entregassem pra eles, eles iam cuidar deles, disseram assim, sentaram entre eles quem tava e era os chefes deles, era o Kovi e o Vomblê, lá no mato eles que tava com eles que conversava com eles daí decerto os outros que saíram, os lá do calmoão, e lá saiu os outros, com outros chefe, que sai pra cá os *agdjin* e os *waikomã* com outro chefe então eles conversaram com eles, disseram assim pra eles, sentaram entre eles porque eles eram em bastante, tinha



um pouco ali, que tava no acampamento deles e tinham outros em outros lugar não tava tudo, tinha mais, quando assim disseram entre eles *kókoleg óg mena genh já jé óg ag mō gel gonh tog ti óg ki avanh* era as criança *je óg ag mō óg já ãn*, era a ideia deles, então eles disseram vamos se intregar pra eles, pra cuidar dos nossos filhos, aí que eles procuraram com eles, porque o jagãl já tava ali em baixo, procuraram pra conversar, aí todo mundo concordou, dai procuram conversar com ele, ai decerto marcaram o dia pra se encontrar, daí eles voltaram pro acampamento dele e contou pra eles que tinha visto o branco e disse: eu conversei com o branco, e dai tava esse Kaingang com ele eles já dizia que ele conversava com eles, mais eles não falam certo dos Kaingang, nem um lugar está escrito qual foi o índio Kaingang que falou com os Xokleng, nem um lugar tá escrito, o Silvio Coelho que tem um monte escrito mais nem um lugar que está escrito que o Kaingang falou qual o Kaingang, porque veio foi o Kougduj com os filhos dele, o Olimpio e outros, e os outros, e ele não diz nem um nome, ele só fala assim que veio os índios do Paraná Kaingang pra ajudar mas não diz quem, porque tinha um Kaingang junto que na hora que o nhagãl chegou perto deles, que o Kuita atirou uma flecha que quase matou ele, que quase pegou nesse índio, mas não diz o nome dele, foi nesse índio que quase pegou mas não diz o nome dele não sei se é esse Kougduj ou Olimpio porque veio outro índio, não só o kougduj, veio mais índio, ai ele não fala desse outro índio, que veio, eu perguntei pro véio Jangó ele não conta, eu não se ele não queria contar pra mim, tinha mais um outro e era Kaingang também, ele veio, mas depois foi embora e ficou esse kougduj, mas tinha mais um que foi embora agora eu não sei se é esse um que eles quase mataram. Os livros fala assim, eles que ele pacificou os índios, mas não foi assim, quem fez de verdade, eles tava esperando, o nhagãl só tava esperando que pudesse achar uma oportunidade pra conversar com eles e trazer eles mas, ele não achou, ele não, quem veio lá do mato pra tentar conversar com ele foi o índio, foi ele que foi atrás o índio, veio atrás dele, veio atrás

dele pra conversar com ele, veio atrás pra dizer que ele vai, que eles vão se entregar pra eles, que eles já tinham conversado, eles conta que ele pacificou, mas não foi eles que quiseram.

[a entrevista se encerra pelo fato de um aviso que chega de que um rapaz indígena havia se enforcado na aldeia Bugio]

Baseado nas entrevistas pode-se perceber que os indígenas Laklãnõ não aceitam o termo pacificação que é muitas vezes usado pelos historiadores e outras pessoas, porque eles dizem que com esse termo eles se sentem pior que animal e que foram eles que deram os primeiros passos para dialogar com Eduardo. Nas outras entrevistas com o senhor Voia Camlém, os relatos do contato são contados da mesma forma que o senhor João Pate e dona Neli. Já na entrevista com a professora Yoo Vomblê Pripra, que é bisneta de Vomblê, que é um dos que se encontraram com Eduardo às margem do rio Platê, ela relata, conforme sua avó lhe contara, que quando os Laklãnõ ainda estavam no mato, os rapazes eram escolhidos entre os anciões para que liderasse o grupo, mas deveriam ouvir o conselho dos anciões e deveriam conversar com os mesmos, quando fossem fazer algo que fosse de interesse do grupo. E essa foi uma das coisas que pude perceber que tem uma ligação com o depoimento de seu Pate, que quando o grupo Laklãnõ foi fazer o contato com Eduardo pode-se perceber que Kovi e Vomblê eram indicados pelos anciões e que eles deveriam respeitar as opiniões dos anciões e que quando se reuniram para conversar com o grupo eles ouviram e falaram o que pensavam de bem para o grupo. Tal tema é tratado na entrevista com Youo Maurina Ingacla, conforme exposto abaixo:

Era os velhos que mandavam, os velhos eram os líderes, aí esses rapaz, eram rapaz, só que daí eles eram tipo um líder, também eles colocavam eles como guerreiro, porque eles já eram velho, e daí a idéia partiu dos velhos, aí a mãe disse que o velho que mandou eles ir, ele acordou cedo, era três hora da manhã mais ou menos, daí ele ficou acordado, fez fogo, dormiu um pouco e se acordou de novo, daí ele acordou eles, de madrugada ele acordou eles, mas não lembro o nome dele, mas os índios já estavam conversando entre eles, os índios, tipo assim, eles não foram convencidos mas eles que acharam o que era melhor e decidiram se encontrar com os brancos, porque diz que tinha um monte de criança que não tinha pai nem mãe e acabava eles cuidando os índios velho e era muita criança, os pais morreram nos encontros com os bugreiros e essa

foi a preocupação que eles tiveram, disse assim, tá vendo essas crianças, se nós morrerem elas também vão morrer, os velhos colocaram nesse dia da reunião, eu sei que é o Pãn txi o Kovi e o Vomblê

## 1.2 O ENCONTRO DE EDUARDO HOERHANN COM OS LAKLÃNÕ/XOKLENG (BOTOUCUDOS)

O contato Laklãnõ Xokleng com a civilização não indígena ocorrido no dia 22 de Setembro entre o rio Itajaí do norte ou Hercílio e o ribeirão Platê de 1914, ficou conhecido na história como tendo sido feito pelo sertanista Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, mas nunca é relatado que ele foi acompanhado por outras pessoas os quais teriam auxiliado no processo, e estas pessoas não são descritos por pesquisadores, mas são sempre lembrados pelos anciões da TI Laklãnõ. Hoje os descendentes deste grupo se miscigenaram com os Laklãnõ e alguns com não indígenas e assim formam atualmente a comunidade Laklãnõ/Xokleng. É importante ressaltar que para haver o contato foi necessário que os Laklãnõ/Xokleng também estivessem interessados em fazer o contato e também a importância da participação dos Kaingang, para isso fui a campo nos dias 3 de janeiro de 2019 para realizar uma entrevista com o senhor João Pate, Dona Neli Wajkã Pate, senhor Woia Kamlém e com a professora Maurina Yoo Vomblê Pripra, meu intuito foi fazer a pesquisa com os anciões em busca de como se deu o contato na visão do indígena. Estes Kaingangs foram essenciais para a realização do contato, para que ocorresse a comunicação entre os dois lados, sem eles seria mais difícil ocorrer o contato, eles foram os personagens principais, pois foram eles que primeiramente fizeram o diálogo com os Laklãnõ. Os Kaingang fazem parte do mesmo tronco macrô Jê e família linguística Jê, conhecido também com Jê meridional. A língua dos Kaingang nesta época era muito parecida com a dos Laklãnõ, visto que hoje tem se modificado muito, não só a dos Kaingang mais também a dos próprio Laklãnõ e essa mudança ocorreu devido a diversos fatores que influenciaram no idioma. Portanto, foi justamente a proximidade linguística que permitiu que tivessem um papel importante no contato, atuando junto Eduardo na tradução da língua Laklãnõ.

Conforme a anciã Neli Waiky Pate me relatou, conforme seu pai havia relatado a ela, para haver o contato com os não indígenas, o grupo Laklãnõ já havia se reunido entre eles, quando ainda estavam no mato, conforme trecho da entrevista com a anciã:

Eles tavam lá, mais o menos no moema, diz que os índios tava, e diz que entre eles conversaram lá em moema, não é Dona Ema,

moema pra lá no iracema, que eles fala, aí eles falaram assim; *ke kuna wakaplãg óg to zug og ble vanhkala tog ti likenhy*, mas de tanto os fazendeiro que pagava o Martin bugreiro, de tanto ele matar os índios, diz que tinha bastante criança deste tamanho, assim é maior e não tinha mais como eles tratar porque era demais, *ku je zug og ag mō jel tog te me ag mō og já on*, diz que eles falaram entre eles combinaram assim *kuna ti konãg munh zug un te konãg munh ku ag to a moveku ma, kuna óg ble vanhkalany ku na óg blé nonhãg* diz que entre os índios combinaram assim, aí com essas palavras eles vieram vindo e ali no Bom Sucesso diz que eles acharam uma fruta esse kakupli que eles diz o araçá branco, aí diz que tava cheio de jacutinga, aí diz que eles mataram bastante, aí eles olharam pra cá lá de cima e era tudo mato daí um subiu no pau comprido araçá branco, subiu de lá ele olhou pra baixo e entre eles falaram *ãã gó ne hã ha vu apla tóg u mō nê kunã ló tol nhã*, eles falaram a *ló mu jã*, quer dizer, aí eles voltaram levaram a jacutinga que eles mataram, aí lá eles comeram e contaram, e o outro falara *ke kuna ló munh, a tó venh ló eg djo a mêm dji*, aí eles fizeram picada nessa direção desse aqui, eles ficaram aqui em cima chamado bâ, eles também levaram muito tempo pra chegar ali, é aqui em cima, aqui eles ficaram tempo, aí eles foram caçar, onde a Liça morava, por ali diz que eles acharam, eles acharam um mel pra eles, mel lá eles adoram e hoje ninguém mais dá bola, eu tenho uma caixa de mel pra tirar, mas não dou bola, aí eles falaram pra eles, aí veio o Kovi e o Vomblê, mandaram eles tirar mel, aí e eles ficaram aqui no bâali, eles ficaram, daí ali no bâ eles desceram pra lá, o Kovi e Vomble foram tirar o mel, aí foi o Kuita e outro chamado wanhekyai, esses quatro rapaz foram junto com ele, aí quando eles tava tirando mel, eles escutaram um tiro, aí eles falou entre eles *tóg mã mu zug óg tó ag ba tô kló ke ku óg kanhzalã vu te nhã*, aí ficaram escutando mais por aí assim onde de que é em frente a Amendô, por aí tinha um salto grande, que diz salto pequeno eles atiram ali a jacutinga, o Eduardo com os capangas dele e eles ficaram escutando lá onde morava a Liça [neste ponto a

anciã apontou para o morro ao lado esquerdo do rio para baixo], aí eles ficaram olhando aí *ã óg a vu kanhaplã*, aí eles já tinha ali em frente do Fernando, onde mora, ali tinha salto também, ali, aí diz que eles vieram puxando canoa, um puxava e botava em cima, depois pegava outro e vinha puxando até que botaram tudo em cima do salto, daí subiram, aí, lá em cima eles ficaram olhando *óg ha vu kanhaplã*, aí disseram, aí o Kovi disse assim *jé nú óg mã kã ai*, o Vomblê disse *denh óg ag gá zul ku nõ dê*, quer dizer eles são em quatro, né, quatro rapaz e dois homem, só que eles não tinha, os brancos são mais do que eles, até que ele disse *óg ag gá zul ku nodê* eles são mais do que nós, *ge vã, denh óg to vanh óg me ág gaglãng* aí diz que o Vomblê ficou com medo e o Kovi já não *denh nu óg ma ky en kake óg mō ky óg blé óg nhan kuzgn*, aí o Vomblê não deixou o Kovi grita aí eles subiram ficaram ali na Liça pra baixo, por aí eles ficaram que ali tinha saltinho eles apararam por ali dela, eles tava vendo ele, aí eles gritaram pra ele e o Vomblê não deixou ele gritar, o Kovi, daí mesmo assim diz que ele gritou *en kake a vég nu nhã* diz que ele gritou pra eles assim, aí o Eduardo quando escutou eles gritar, aí diz que ele estava apontando assim, aí decerto eles tavam falando, decerto eles tão por aqui, decerto eles tava falando né, eles tão por aqui, sem ele ver ele gritou pra ele, o Kovi, aí eles gritaram *ã en kake enh já vu ke jã*, o Eduardo começou a gritar também, aí ele começou a chamar, chamar, era mais o menos onze horas, assim mais ou menos, quando se encontraram, era mais ou menos três horas, aí de lá, eles vinha gritando devagarinho, descendo né, fazendo picada, vinha descendo o Eduardo com os índios, aí eles se encontraram, assim de medo, um tinha medo um do outro, tinha medo, o Eduardo tinha armamento, eles também tinha as armas deles era flecha, aí eles disse assim quando eles tava no limpo, que eles já ia se encontrar, aí Eduardo tinha facão e espada, que eles tinha naquele tempo, aí ele disse assim *ên kake de nõ to txó*, aí diz que ele olhou e disse *ã klandja bag vã* aí diz que ele jogou pra eis aí o Kovi pegou porque sempre o Kovi vinha na frente aí o outro vinha atrás quando ele

jogou daí ele pegou e jogou pro o outro de trás daí ele disse *ên kake vu tóg to ên kojá mu*, ele falou pra ele, aí quando eles tava quase perto diz que é o Kuita que tava com ele eles, tava quase perto, diz que ele atirou, mas não pegou ele [neste ponto a anciã se refere do tiro dado de flecha em Eduardo], aí Eduardo foi embora de volta, aí diz que o Kovi ficou brabo com ele *denh ên kake blé venh ke na te to pãg ku ta mã ku vatxiká te mu vanhõ zug un tanh vanh, en txo zug unn tanh teg keke mu en dju tê vanh ku te, ên kake blé venh kete te to pãg zug tanh vanh tog te*, o Kovi brigou com o Vanheky, daí Eduardo foi embora, daí chamaram ele de novo, daí ele veio de volta, daí ele veio e veio devagarinho e ele tinha revólver o Eduardo, aí ele desarmou ele, os índios desarmaram ele, aí ele disse assim *en kake ku ma a kul te julio ku* e diz que ele tinha calção debaixo da calça daí deles tirou a camisa e jogou pra eles e tirou a calça e jogou pra eles, aí eles pegava e dava para o outro que vinha atrás e aí até que eles se encontraram *en kake ku ma a do hã te vin ló ku* [se refere a Kaingang tradutor que estava com Eduardo], daí diz que ele jogou de volta pra o Kuita e o Vomblê e o Vomblê ficou com medo e o Kovi já não, o Kovi veio enfrentando e aí diz que eles se encontraram, daí assim no limpo, assim Eduardo tirou tudo a roupa, ficou só com o calção e eles também já estavam pelado mesmo, só jogaram as flechas deles, aí diz que eles pegaram e aí se encontram se abraçaram branco com índio, aí ele disse assim pro Kuita e o Vanheky *ke ku ma en kaben tem en kake ble vanhkala tóg te*, eles desceram lá onde morava teu avô, pra baixo do mano, ali teu vô morava, teu vô Vaipõ, aí eles desceram por lá, lá de cima da beirada [a anciã se refere da parte de cima do morro do lado esquerdo do rio Platê]. Os outros né, quando ele veio contar pra eles, *kovi vû Vomblê blé zug ó blé vanhkala mu*, daí diz que eles gritaram e meu avô que é teu avô também, que é o kavé, diz que eles tinha ido tirar mel lá atrás, lá que até hoje se ninguém não tirou tá lá ainda esse pau, tiraram lá em cima, não sei com pedra tem um furo assim, quando nós tirava palmito naquele tempo, quando nós ia pai contava, que aqui meu

pai tava tirando mel que escutou o grito deles, aí diz que eles gritaram *Kovi vu Vomblê blé zug te óg ble vanhkala mu*, assim eles vinha gritando, aí meu avô entendeu errado, daí ele entendeu que eles mataram ele, mãg meu avô o Kavé aí hoje eu penso como a gente tem amor dos filhos, aí diz que ele desceu lá de cima, aí sentou começou a chorar, aí o irmão dele o *Txukãbãg ã vê le ki a mã ma mu óg vanhkala tán vã ve le un ke ku ki a mã*, aí diz que ele ficou chorando o meu avô que ele pensou que eles tinha matado o filho dele que é o Kovi, aí ele ficou chorando, aí ele disse assim: *enh nugen to konhgag hã enh txó te mãg tu ke nu vã*, ele chorando assim fazendo zõ [choro típico dos Laklãnõ quando um ente querido vem a falecer], aí o irmão dele disse, fica quieto espera um pouco que eles tão contando que se encontraram com os brancos, aí diz que ele aparou, aí eles gritaram de novo, aí ele entendeu e arrumaram o mel deles e vieram para o acampamento, lá no bã, aí se juntaram e contaram, aí eles se arrumaram e fizeram picada lá, lá onde morava o teu avô lá eles desceram pra encontrar com o Eduardo.

Quando a anciã se refere a Moema, dizendo que foi o local aonde se reuniram para conversar sobre como fariam para o contato ou encontro com os não indígenas, ela estava se referindo a Moema no distrito de Itaiópolis. Então o grupo desce em direção aonde hoje é o município de Doutor Pedrinho e depois em direção aonde fica o município de José Boiteux, local onde ocorreu o contato, há aproximadamente uns 300 metros acima da foz do rio Platê. A Nely conta, conforme seu pai Wanhky lhe passara a história oralmente, assim como todas as histórias Laklãnõ são passadas de pai para filho, como ele viveu esse momento em 1914 e fez questão de repassar para seus filhos, já que era irmão de Kovi, quem fez o contato, por isso Nely fala orgulhosa dos feitos de seu tio.

Os relatos dos anciãos são muitas vezes de orgulho por seus antepassados tentarem os salvar do massacre, mas outras vezes de tristeza pelo fato de lembrarem das muitas mortes ocorridas no mato antes do contato por bugreiros e dos maus tratos que o próprio Hoerhann os fez passar. Falam com tristeza que seus antepassados viram a necessidade de não mais enfrentar os não indígenas no mato, mas quando estão fora são quase exterminados por doenças e pelo próprio contactador, em meio as entrevistas sempre lembram da morte de Lili (Brasílio Pripra) que aconteceu nos anos de 1950 e que foi planejado por Hoerhann.

De acordo com o relatado por eles, seus ancestrais caminhavam entre as matas, florestas de pinheiros (Araucárias) e faziam suas colheitas para seu sustento e também guardavam em cestos para que quando acabasse a época de Pinhão eles pudessem ter o que comer. Caçavam e viviam suas vidas em tranquilidade, faziam suas festas de perfuração de lábios de crianças sempre produzindo seu *mõg*. Devido a colonização ter avançado muito nos territórios Laklãnõ os animais para caça foram diminuindo bastante e as florestas de araucária foram acabando, e já haviam poucos lugares para colher pinhão e praticarem suas caças.

## **CAPÍTULO 2. OS KAINGANG E SEUS DESCENDENTES**

A terra indígena Laklãnõ ao longo dos anos teve a incorporação de mais duas etnias, sendo elas Kaingang e Guarani, o que vem ocorrendo desde 1914, quando se criou a Terra Indígena. Por isso a importância de apresentar a miscigenação entre o grupo de Kaingang. A abordagem deste trabalho é feita baseada somente no grupo Kaingang trazido do Paraná para a realização do contato, mais especificamente aqueles vindos do vale do rio Tibagi.

A terra indígena Laklãnõ possui uma linhagem de descendência de famílias Kaingang vindo da bacia do Tibagi, mas após a vinda destes, também houve a vinda de Kaingangs de diversas aldeias do Paraná e Rio Grande do Sul e até mesmo de outros locais em Santa Catarina.

Conforme os relatos de João Pate Neli Wanhkã Pate da Terra Indígena Laklãnõ, mencionados acima, Eduardo de Lima e Silva Hoer já estava em busca de fazer contato com os Laklãnõ entre as regiões hoje conhecidas como Vale do Itajaí e planalto norte catarinense, contato que se consolidou no alto vale do Itajaí. Conforme pudemos observar no capítulo 1, nos dias do contato este grupo de Kaingang (Coroados) estava no acampamento de Hoerhann. Como este povo já havia sido contactado muito antes dos Laklãnõ, eles falavam um pouco do idioma português, além disso seu idioma era muito parecido com o do povo Laklãnõ, por fazer parte do mesmo tronco e família linguística .

Este grupo trazido do Paraná já havia sido contactados anteriormente e alguns tinham sido levados para os antigos aldeamentos de São Pedro de Alcântara, sendo que após a



extinção deste aldeamento, eles haviam sido deslocados para a TI São Jerônimo, Barão de Antônia e Apucarantina.

[...] Sabemos ainda que o antigo aldeamento de São Pedro de Alcântara, após a morte do Frei Timóteo em 1895, sofreu um rápido declínio até a sua extinção oficial nos primeiros anos deste século. Os seus habitantes Kaingáng retornaram para as regiões de origem, isto é, ou para o Aldeamento de São Jerônimo (Serra Agudos, local de ocupação tradicional) ou para a serra de Apucarana, onde foi fundado em 1906 o Posto Indígena Dr. Xavier da Silva, mais tarde mudado para Posto Apucarana.[...] (Tomassino,1995:71,72)

Do grupo levado para auxiliar no contato, são poucas pessoas que vivem hoje na TI Apucarantina que sabem da ida dos Kaingang em 1914 ao Vale do Itajaí em Santa Catarina como auxiliares de Hoerhann. Quando de minha ida a campo em busca de relatos dos Kaingang que tivessem conhecimento do grupo que havia sido levado para auxiliar no contato dos Laklãnõ/Xokleng, pude perceber que as pessoas que hoje moram na TI Apucarana e Barão de Antonina atualmente não tem conhecimento do grupo que foi levado para Santa Catarina. Pude encontrar somente uma pessoa em Apucarana que tinha ouvido através de sua avó, que também havia ouvido de Abigail, neta de Kaugdunh, que havia ido para Santa Catarina e tinha retornado para que pudesse conhecer seus parentes em Apucarana.

[...]Uma informação, recentemente veiculada pelos Kaingáng é que alguns têm parentes em Santa Catarina porque foram transferidos pelo SPI. Esse fato foi registrado por Namen (1994) que pesquisou os Xokleng e os Kaingáng de Ibirama e confirma a existência de um grupo Kaingáng que foi levado em 1914 por Roerhan para "pacificar" os Xokleng.[...] (Tomassinno,1995:76)

Conforme as pesquisas de campo o grupo de pessoas que foram levadas para o vale do Itajaí por Hoerhann era formado por familiares, sendo eles; o pai Kougduj Pripra e seus filhos, netos e genro e nora, filhos Olimpio, Kavan, Kugfej, Joggóg (ver Fig. 1) e seus netos Aristides Faustino Criri (ver Fig. 2), Abigail, Maria e Ida, o genro João Criri (Janguinho) e a nora Cândida (Candinha). Após o contato, nascem outras pessoas desta família e dona Cândida, que era nora de Kougduj e era casada com Olimpio Pripra, se separam e formam

outras famílias em um casamento interétnico com não indígena tornando-se a família Nucforo.



Fig. 1: Kaingang Joggóg kahe Pripra, xokleng lindja konheko. Acervo João Pate



Fig. 2: Kaingang Aristides F Criri com Silvio coelho. Acervo LABHIN.

Quando o grupo Kaingang chegou no antigo Posto Patê (hoje Terra indígena Laklãnõ) era formado por duas famílias, sendo Kougduj Pripra e seus filhos, e sua filha Kavan, que era casada com João Criri (Guarani), que aqui denomino como sendo a outra família. Eles tiveram miscigenação através de casamentos interétnicos e após o contato formaram outras famílias. Cândida, que era esposa de Olímpio e filho de Kaugduj, logo após ter chegado no posto Platê faz sua separação e casa-se com Anastácio Nuc-foro, quando formam uma outra família. Kavan com João Criri formam a família Criri, mas após o contato separa-se de João Criri e tem vários outros filhos de pais diferentes e cada um forma uma família diferente. Os casamentos dos Kaingang são em sua maioria com povos não-indígenas e muitos dos seus descendentes seguiram a mesma linha matrimonial tendo mantido sobrenomes não indígenas. Outros ainda, casaram entre os Laklãnõ/Xokleng e levam o sobrenome dos nativos daquela terra indígena. Mas daqueles que vieram do Paraná, ainda é grande o número dos que ainda mantém o sobrenome Pripra e Criri. É importante apontar que pude perceber que estes descendentes de Kaingang não se identificam como Kaingang ou como não indígenas, mas batem no peito e se auto determinam Laklãnõ/Xokleng.

Abaixo eu apresento quatro pranchas com as genealogias das famílias Kaingang do vale do Tibagi desde o ano de 1914 até os dias atuais na terra indígena Laklãnõ. As quatro

famílias são: Pripra, Nuc-Foro, Criri e os Almeidas. Os Pripra e os Criri remontam à época do contato, enquanto os Nuc-Foro e os Almeidas foram formados depois de 1914.

**Genealogia de famílias Kaingang da bacia do Tibagi desde o ano de 1914 até os dias atuais na Terra Indígena Laklãnõ**

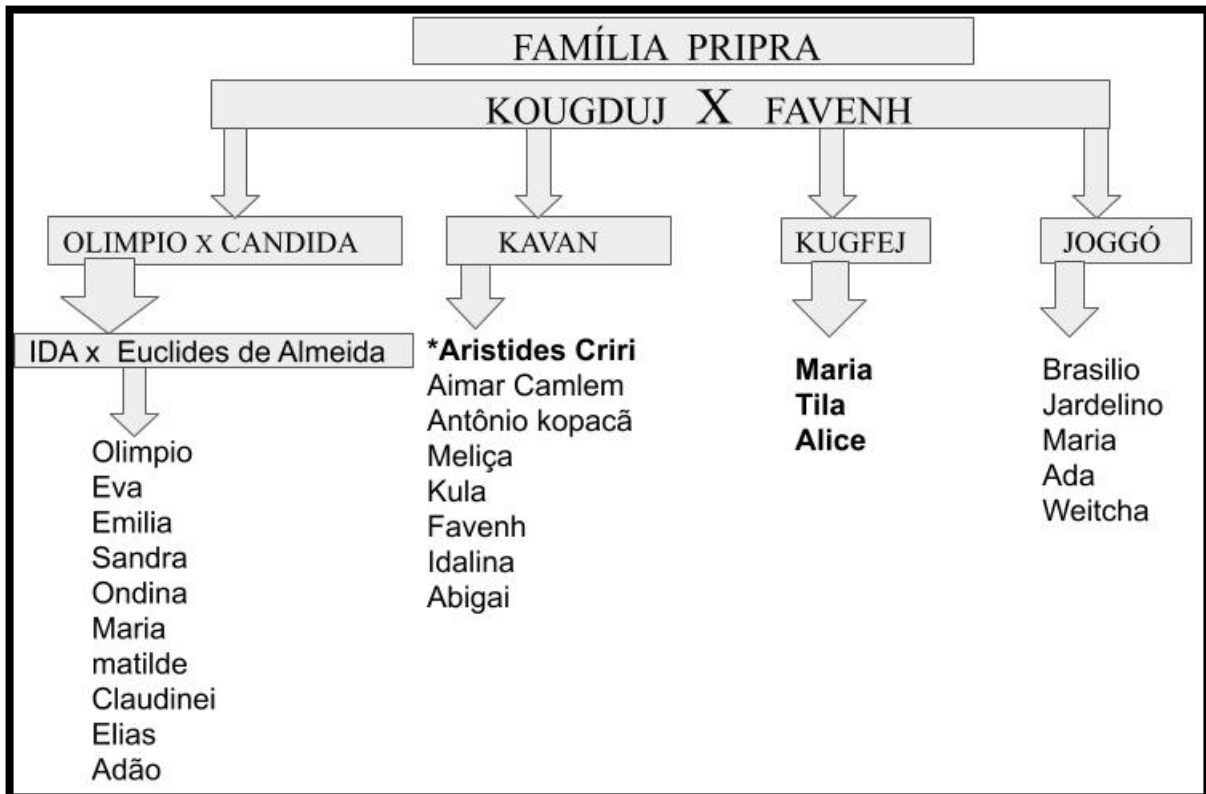


Fig.3: prancha com genealogia da família Pripra.

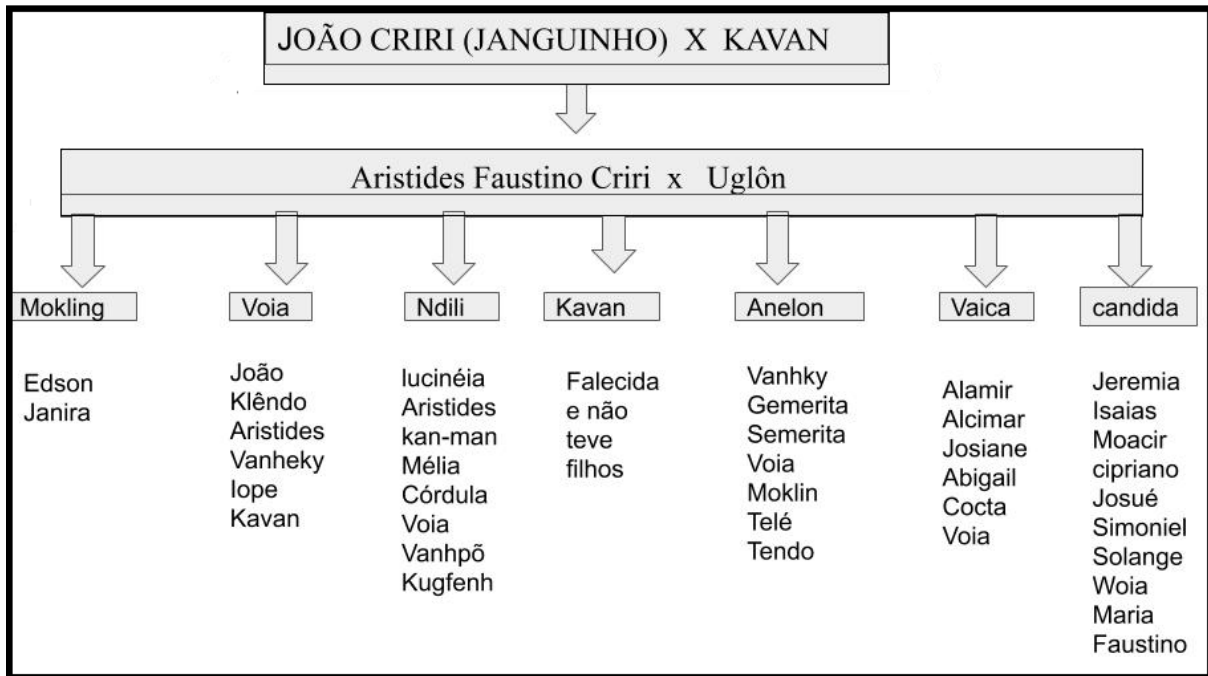


Fig.4: prancha com genealogia da família Criri

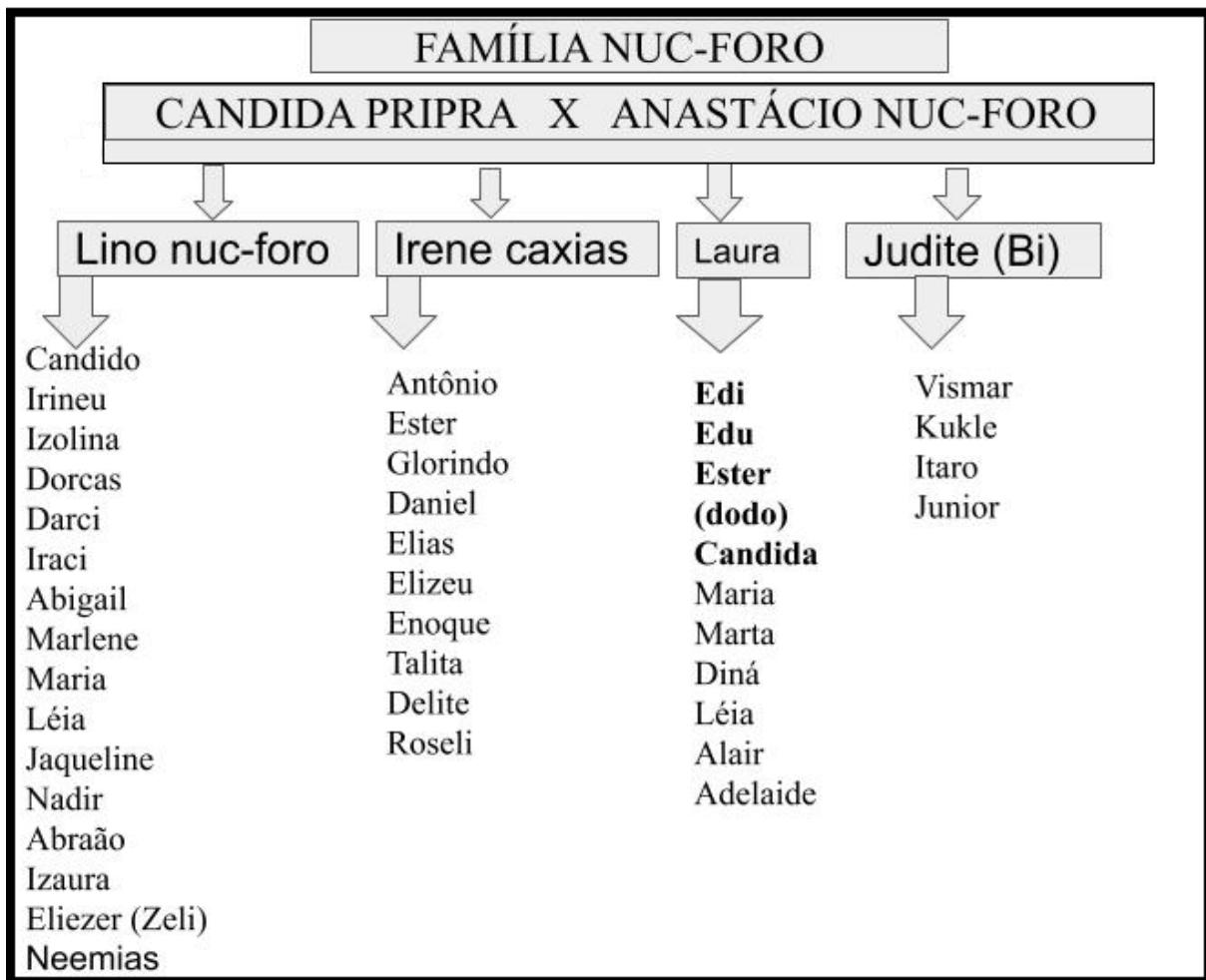


Fig.5: prancha com genealogia da família Nuc-Foro.

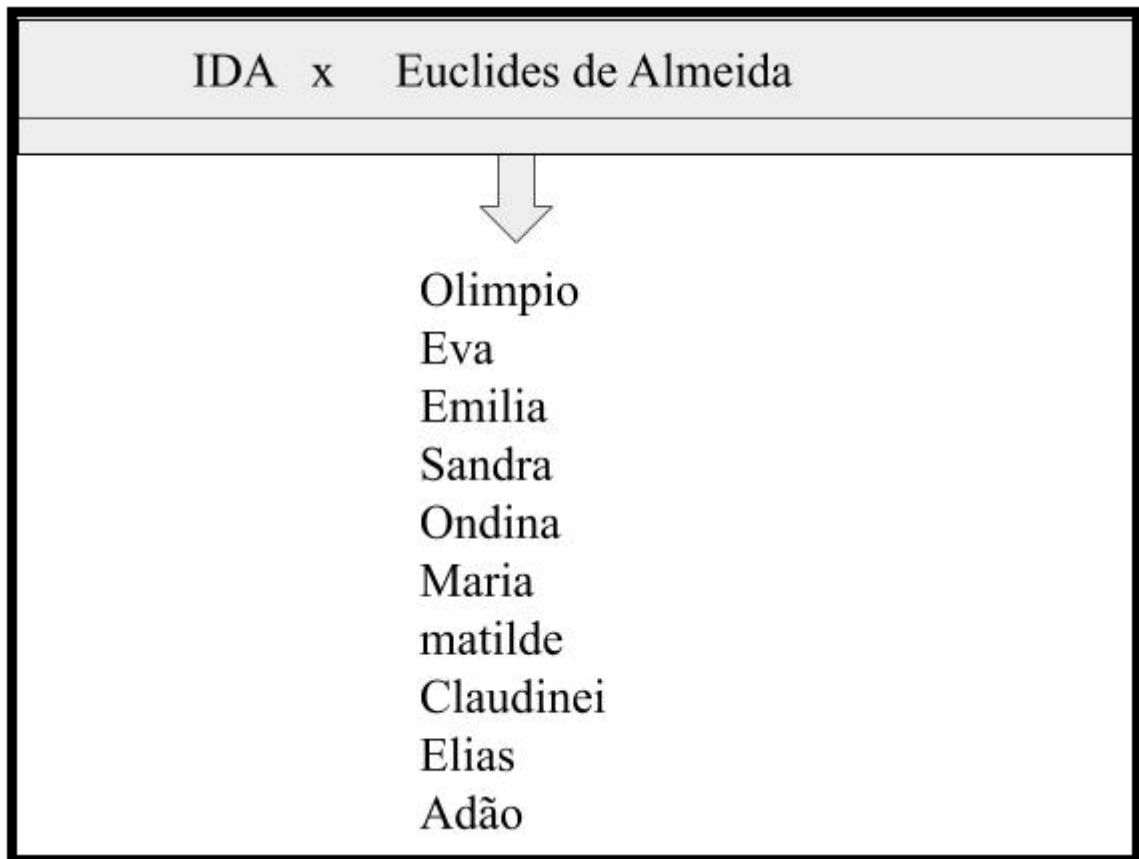


Fig.6: prancha com genealogia da família Almeida

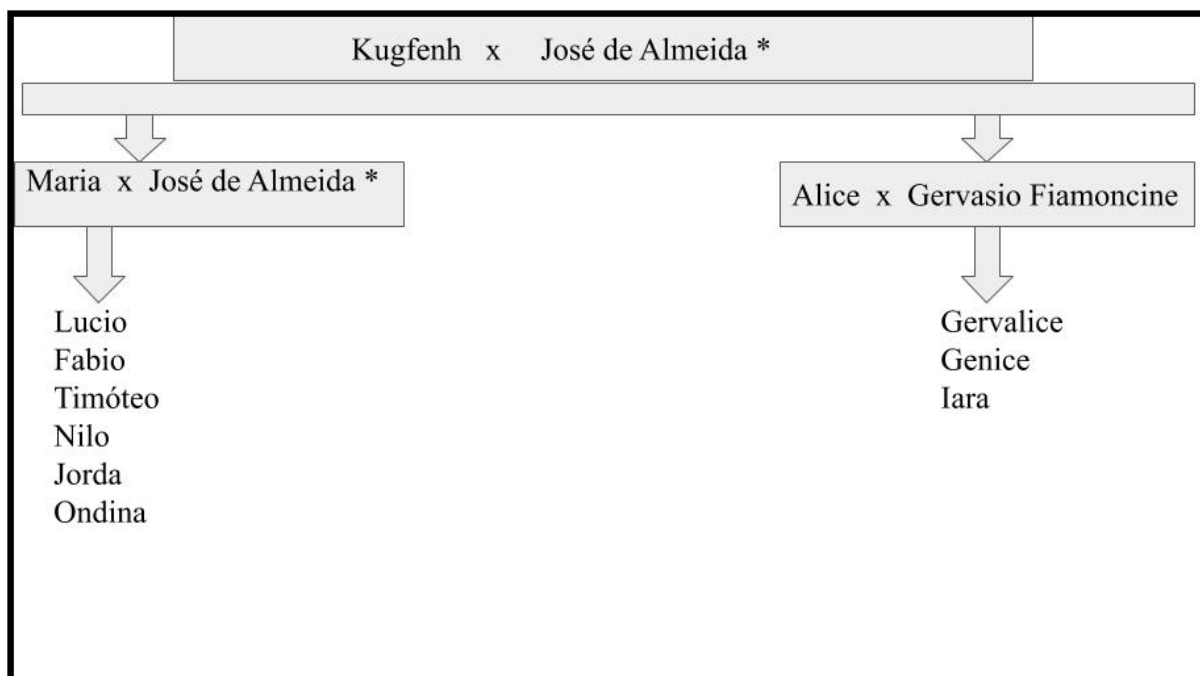


Fig.7: prancha com genealogia da família Almeida.

\*O José de Almeida desta prancha é o mesmo que tem filhos com Kugfenh e sua enteada Maria.

Acima é mencionado o nome de Lili (Brasílio Priprá) e seu nome é encontrado na primeira prancha dos Priprá sendo ele filho de Joggóg Priprá. Brasílio foi o filho de um dos Kaingang que esteve no contato em 1914.

Conforme os relatos, depois do contato os Laklãnõ viviam confinados dentro do Posto Platê e eram obrigados a trabalharem num serviço forçado que nunca era remunerado, por isso que relatam que entre 1916 á 1920 alguns Laklãnõs voltaram para a mata e nunca mais se ouviu falar neles.

Brasílio cresce ouvindo a comunidade sofrer nas mãos de Hoerhann e seus capangas, então quando já adulto resolve ir para o SPI no Rio de Janeiro para denunciar o abuso de poder e de autoridade. Quando saiu do Posto Plate teve ajuda de algumas pessoas que começaram a trabalhar escondidos para arrecadar dinheiro para a viagem de Brasílio, então ele faz sua viagem para o Rio de Janeiro e quando voltou trouxe consigo a ordem de afastamento para Hoerhann. Quando chegou reuniu a comunidade mais uma vez e falou da ordem enviando para que fosse entregue para o chefe. Hoerhann já sabia da ida de Brasílio ao Rio para fazer as denúncias, então segundo os Laklãnõ ele planejava a morte de Brasílio. A reunião com a comunidade é feita durante a noite e no outro dia ele leva o documento de afastamento e quando volta é morto em um bueiro perto de sua casa.

Tal episódio é também descrito no trecho da entrevista com Voia Camlem (entrevista realizada em 20 fevereiro de 2020);

Eu tinha uns nove ano quando mataram o Lili, eis fizeram reunião na casa do meu pai da eis disseram que ia arrumar dinheiro pra ele ir falar com os chefe do Nhagãl (Eduardo de Lima e Silva Hoerhann) no Rio de Janeiro, pra contar que ele tava judiando dos índios e quando ele voltou ele levou o papel que ele trouxe pra entregar pro Nhagãl e quando ele chegou lá na casa do Nhagãl eis mataram ele. Eis avisaram o Lili que o Nhagãl tava esperando ele pra matar, mais ele falou que nem que fosse pra morrer ele ia la porque mesmo que morresse ele queria ver a gente dele ser livre do Nhagãl que tava judiando deis, nesse dia todos indios não dormiram e ficaram com medo e ficaram esperando ele o dia inteiro e ele não veio, esperaram ele de noite e ele não veio, dai no outro dia eis subero que ele tinha morrido, dai eis ficara com mais medo ainda [o ancião chora ao relembrar a história do seu povo].

Segundo Pate, que é filho adotivo de Joggóg que naquela época era o cacique do posto então chamado de Duque de Caxias, na mesma noite do assassinato de Brasília dois indígenas assassinaram um morador que era vizinho de Hoerhann e isto foi usado como álibe por ele para que encobrir a morte de Brasília, falou que os indígenas estavam querendo o matar.

Segundo João Pate (trecho de entrevista realizada em 18 de fevereiro de 2020):

Quando eis mataram o Lili eu tinha dez ano, ele foi na casa do Nhagãl ele foi levar o documento que e ele troxe dai depois que ele falou com o Nhagãl e desceu do iscritório e já tava voltando o Nhagãl gritou para os capangas dele atira no Lili e eles começaram atirar e foro correndo atrás dele e quando ele chegou no portão mais o o portão tava fechado que ele fechou quando passou então ele entrou do baixo do buero que tem lá perto da casa do Nhagãl, intão os capangas chegaram e mataram ele, depois o Gervásio da Liça falou que o Nhagãl deu o último tiro. Como o Moconã e o Wetchazinho tinha matado o pai do Zeca que morava pra baixo da caso do Nhagãl daí ele chamou o exercício e disse que os índios tava querendo matar ele, quando o exército veio eu e mais algumas crianças dono junto e outra crianças ficaram nas casas e disseram que se acontecesse alguma coisa era pra eis fugir pro mato. Eis já eram crente nessa época daí eis oraram antes dei ir lá onde o Nhagãl tava com o



exército, ele matou um boi e chamou eis, ele tinha mandado o exército matar os índios eu sei porque eu lembro que no outro dia o comandante foi na casa do veio joggóg meu pai de criação porque ele era o capitão que o Nhagâl tinha colocado esse capitão que os chefe colocava era o cacique de hoje, naquele noite o véio ficou acordado a noite inteira comendo que o Nhagâl fosse matar ele porque o Lili era filho dele e quando era mais ou menos cinco da manhã tava começando amanhecer o comandante bateu na porta e disse que não era pra ter medo porque ele tinha vindo só conversar, então o pai abriu a porta e eles sentou e começou a pergunta o que tinha acontecido se era verdade que os índios queria matar o Nhagâl, então o pai disse que era mentira e que o Moconã ei Wetchazinho tinha matado o branco porque eis tava bêbado e que o Nhagâl matou o Lili porque ele não gostou que o Lili foi contar dele no Rio de Janeiro, porque o Nhagâl tava judiando dos índios. Então o comandante falou pro pai que o Nhagâl disse que os índios tava armado querendo mataram ele e ele disse que eles vieram pra matar os índios, porque eis colaram os índios em fila na frente do exército, mais quando eles chegaram viram os índios sem arma e só com a bíblia na mão e ainda perguntou que era aquelas outras pessoas de roupa branca que tavam junto com eles e ele respondeu que não tinha mais ninguém com eis e ele perguntou de novo e o pai respondeu que talvez era os anjos porque nós tinha orado noite inteira antes de ir pra lá. E ele voltou pra baixo e disse pro pai que não era pra ficar preocupado que ele ia ajudar eis.

Os anciões sempre choram quando falam e relembram desse momento, porque eles viveram este momento, pois eles tinha entre dez á dezoito anos e conforme ele relatam foram momentos muito tensos para toda a comunidade e isso ainda reflete na vida deste povo e faz com que tenham desconfiança das populações não indígenas, e dizem muitas vezes que hoje o massacre já não é feito com armas, mas é feito com a caneta. Toda a comunidade Laklãnõ hoje tem Basilio como um dos Heróis da terra indígena Laklãnõ, assim como foi visto por os outros que já morreram e viram a sua luta por querer melhoria para seu povo.

É nesse sentido que precisam ser entendidos os acontecimentos que culminaram com a morte de Basilio Prlprá, em 1954. Ou seja, ao invés de representar somente o início de um processo, a morte de Basilio foi o

auge de um movimento de reação face às ações de Hoerhan. Sim, pois grande parte da população da área indígena tem em Basílio um representante legítimo de suas aspirações, aspirações essas que visavam, entre outras coisas, pôr fim aos métodos empregados por Hoerhan. [...] (Namem, Alexandro Machado. 1994, p, 68)

### **CAPÍTULO 3: A CONSTITUIÇÃO DE ETNIAS INDÍGENA NA T.I LAKLÃÕ**

De acordo com o relato dos anciões da Terra Indígena Laklãõ citados ao longo desta pesquisa, pode-se saber que a terra indígena anteriormente denominada Posto Indígena Duque de Caxias, após o contato estava em nome somente dos Laklãõ. Atualmente ela é denominada Terra Indígena Laklãõ, mas está em nome de três povos indígenas: os Laklãõ Xokleng, os Kaingang e os Guarani. Isto ocorreu tendo em vista que estas são as etnias compõe esta terra indígena. Com o passar dos tempos vieram outros Kaingang do Paraná e do Rio Grande do Sul que casaram também com os Laklãõ.

Os Guarani vieram dos estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e até mesmo de outros municípios de Santa Catarina e alguns são das fronteiras entre Paraguai e Argentina e estes fixaram suas moradias na Terra indígena Laklãõ e suas famílias moram até hoje na terra indígena, conforme aponta Namen:

Na década de 1950, chegaram à área indígena, vindos das fronteiras do Paraguai e Argentina (SANTOS & MÜLLER, 1981:16), índios Guarani que se encontram até hoje aí aldeados. Como pude registrar em pesquisa de campo, alguns entre os Guarani que vivem na área vieram também de outras áreas indígenas dos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul.[...] (Namen, Alexandro Machado. 1994, p,30)

O estudante Hugo Karai do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica (UFSC), desenvolveu pesquisas e trabalhos acadêmicos nas quais foram feitas entrevistas na aldeia Bugio, onde moram os Guarani Mbyá, relatando quando chegaram alguns Guarani, como chegaram na terra indígena Laklãõ e como foram recebidos pelo cacique e chefe do posto da época, abaixo vai um trecho da pesquisa feita por Hugo Karai:

A chegada das primeiras famílias guarani na TI Laklãõ foi da família Fernandes, pouco tempo depois chegou a família Euzébio, ambas as famílias vindas do Paraná, no ano de 1950. Quando chegaram naquele ano, o cacique Aristides Criri e o chefe do Posto, chamado Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, se prontificaram a ajudar os Guarani, portanto

cederam um pedaço de terra que, com o decorrer do tempo, foi registrado e reconhecido pela FUNAI como Aldeia Toldo. Atualmente, moram dez famílias nessa aldeia, sendo duas famílias guarani e oito famílias mestiças Xokleng com Kaingang. (Karai, Hugo de Oliveira Karai, 2016, p, 40, 41)

Após este período, tem início a construção da Barragem Norte na Terra Indígena nos inícios da década de 1970, o que acarretou em uma grande enchente na terra indígena causando grande prejuízos para a comunidade e acaba fazendo com que a população seja obrigada a se retirar das margens do rio Hercílio ou Itajaí açu, onde era sua morada desde os tempos do contato de 1914.

A Barragem Norte, faz parte de um complexo de barragens de contenção de cheias no Vale do Itajaí e foi construída para proteger a população residente nas cidades do vale, que durante muitos anos vinham sofrendo com as enchentes que destruíam suas casas e benfeitorias, causando prejuízo e desconforto para todos, além de tirar a vida de muitas pessoas. É importante dizer que do início ao fim da construção desse empreendimento, em nenhum momento, se fez observação a existência de uma terra indígena e que sua população seria atingida e impactada pela cheia do rio. Observou-se nesse contexto apenas a população não indígena que sofria com as enchentes, deixando claras a total desconsideração e discriminação em referência ao povo Laklãnõ. (Patté, Ana Roberta Uglõ, 2015, pag. 22)

As enchentes fazem com que comecem a ser criadas novas aldeias, retiradas do rio e começam a se organizar de uma forma diferente, já não mais um cacique mas outros surgem. Em 1993 a comunidade se organiza de forma democrática e começam a eleger cacique através de eleição. A comunidade Laklãnõ hoje está dividida em nove aldeias, sendo elas: Sede, Pavão, Palmeirinha, Figueira, Coqueiro, Toldo, Bugio, Plipatol e uma nova comunidade que está recém formada que tem por nome Koplãg, para o qual foi nomeado um cacique em 2019 através do cacique presidente e a partir deste ano de 2020 será eleito o primeiro cacique por eleição. Além destas, há ainda uma outra comunidade Guarani denominada de Takaty e que no momento não possui um cacique. Segundo o levantamento de 2013 feito pela

SIASI/SESAI a população da terra indígena estava contabilizada em 2.042, divididos em Xokleng, Kaingang e Guarani, além de quatro famílias de cafuzos que ainda moram na Terra Indígena, sendo que uma é casada com um descendente de Kaingang com um branco. Há aqui um laço matrimonial entre os indígenas das três etnias que compõe a terra indígena, mas os filhos desses últimos se auto denominam Laklãnõ.

Devido a esta miscigenação interétnica a cultura Laklãnõ Xokleng teve um pouco de interferência dos grupos que chegaram na terra indígena. A alimentação Laklãnõ também teve suas modificações. Diversos outros fatores foram a causa da mudança de hábitos Laklãnõ, o povo que antes tinha sua alimentação baseada no pinhão e caça. hoje vive de uma forma diferente, hoje a comunidade busca sua alimentação nos comércios da cidade, além da ter também um pouco de influência da alimentação Kaingang, especialmentea farinha de milho e o peixe, como principais influências. Sabemos que não era hábito dos Laklãnõ plantar milho, mas esse era o hábito Kaingang. Buscando algo sobre a alimentação Laklãnõ, através das entrevistas feitas com a anciã Vavanda Pripa sobre qual a importância do peixe para a comunidade Laklãnõ, ela me relatou que segundo sou avó os Laklãnõ não tinham o peixe como base de sua alimentação, e que só passaram a comer peixe depois do contato e a produção de ceva (wadjin) era costume dos Kaingang. Cito abaixo um trecho da entrevista de com Vavanda Pripra:

A minha vó disse que os antigos quando eles tava no mato eles não comia peixe, eles só começaram a comer peixe depois que saíram do mato, daí quando eles comeram peixe primeira vez eles ficaram com disenteria, daí que eles come peixe agora e o *totolo* que eles faz hoje de fubá não era feito assim antigamente, eles fazia de farinha de coqueiro, eles socava o pé do coqueiro véio pra fazer farinha daí eis fazia totolo com essa farinha e eles tinha outras comidas que eles comia que era cogumelo, nem caçar eles não caça mais [...]

Outra entrevista feita com o professor Osias Tucun Pate relata um pouco da alimentação Laklãnõ antes do contato, ficando mais claro que os Laklãnõ realmente não comiam peixe quando os Kaingang juntamente com Hoerhann realizaram o contato. Os Laklãnõ por fazer parte do do tronco macrô jê já tiveram em sua alimentação o peixe, mas com a divisão de grupos em tempos muito remotos, eles acabaram deixando e passaram a

colocar em sua alimentação outros tipos de carne, sendo a anta era seu principal tipo de carne. Segue trecho da entrevista com Osias Tucun Pate no dia 03 de janeiro de 2020.

Um dia o tio kaudag me disse que quando os índios quando estavam no mato, há muito tempo atrás, talvez seja quando eles ainda não eram dividido em vários grupos, quando eram um grupo só, ele me disse que eles comiam peixe mas e um dia uma pessoa do grupo se afogou com espinho de peixe e morreu e depois deste ocorrido eles deixaram de comer peixe, por isso que quando Eduardo fez o contato eles não comiam peixe. Então ele disse que que eles começaram comer peixe de novo depois do contato de 1914. [...]

Baseado em pesquisa bibliográfica também pode-se perceber que a comunidade Laklãnõ começou a sua alimentação com o peixe devido a necessidade e dificuldades que estavam passando dentro da terra indígena, e que isso fez com que eles colocassem o peixe novamente em sua alimentação.

O SPI penava com o corte de verbas iniciados em 1915, que espalhava dificuldade de manter os indígenas dentro do posto, uma vez que havia a escassez de alimentos e demais artigos necessários. Por falta de medicamentos adequados ,a gripe vitimou neste mês um casal de adultos e uma criança.uma das soluções encontrada para sanar a falta de alimentos foi incrementar o exercício da pesca:

um pequeno progresso que leva os índios de um certo lado para a vida dócil, ao pelo menos lhe garante os meios de alimentação, e a disposição que mostram em aprender a pescar seguindo nossos instruções principalmente as mulheres mas também as crianças maiores, ja se dedicam a pesca com a linha, caniço, etc; mostrando grande prazer neste útil ocupação. (Ibid).

pode se considerar uma grande mudança cultural este incremento da atividade pesqueira , pois se sabe através dos relatos que os Xokleng não estavam habituados a incluir peixe em sua dieta:

A pesca, estranhamente , desconhecem e assim ficam privado de uma rica fonte de alimentos, fácil de obter e que existem farta e abundante. nunca cheguei a saber a razão porque despreza o peixe,que lhes causa tanto nojo quanto ao branco causaria ve-los comer madeira, cupins, térmitas carrapatos e até mesmo piolhos de as quais se alimentam sofregamente.

(Gonçalves, 1999 Apud Nötzolde, Rosa e bringmann 2011, p.93-94)

A comunidade está organizada politicamente de forma democrática desde o ano de 1993, ela é constituída por oito aldeias sendo elas, Palmeira, Figueira, Coqueiro, Toldo, Sede, Pavão, Plipatol, bugio e a mais nova aldeia Kópläg , a cada três anos elegem um cacique Presidente e oito cacique regionais sendo que neste ano de 2020 elegerá mais um cacique regional na mais nova aldeia, nas eleições somente os indígenas podem ser candidatar fica proibida a candidatura de brancos casados com indígenas, mas é liberados que eles possam fazer parte de diretorias de associações indígenas, esse tipo de regras ocorrem porque os Laklãnõ temem que quando brancos vier ser cacique a comunidade venha perder o pouco de cultura que ainda restam na comunidade.

A educação escolar na terra indígena segundo os anciões por volta do fim da década de 1930 e que tiveram com professor um polonês chamado Mieczislau Brzezinski depois de os Laklãnõ já estavam alfabetizados eles próprio começam a lecionar, sendo Lino Nuc-foro o primeiro professor indígena. Hoje a terra indígena é composta por duas escolas sendo que nessas escolas todos os educadores são indígenas e lecionam nas disciplinas no português e também em seu idioma, através da escola busca-se manter a cultura Lakãnõ, tudo aquilo que era repassado de pai para filho, hoje é transmitido dentro da escola e isso faz com que a comunidade venha participar da educação na escola juntamente com os anciões . Atualmente os jovens Laklãnõ buscam uma formação universitária nas diversas universidades da região e na capital catarinense e também em diversos cursos. É importante ressaltar que este trabalho está sendo realizado através de um curso específico para indígenas e que é oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina ( UFSC). Todos os estudantes universitários tem como objetivo principal que depois de terminar seus cursos retornar para a terra indígena e poderem ajudar sua comunidade com tudo quanto aprendem nas universidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho pode ser compreendido que o contato Laklãnõ/Xokleng só pode ser concretizado por dois motivos principais:

1. Os Laklãnõ estavam dispostos a fazer este encontro mesmo que fosse com outro não indígena, pois já haviam entrado em consenso entre a comunidade que isso era necessário para que todos continuassem a sobreviver;
2. A vinda dos Kaingang foi essencial para que pudessem dialogar com Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, pois eles ajudaram Hoerhann na tradução da língua Laklãnõ/Xokleng pelo fato de os idiomas serem muito parecidos.

Após o contato a comunidade tem passado por grandes dificuldades e o principal e que até hoje afeta a terra indígena foi a construção da Barragem Norte que alaga a terra indígena em tempos de chuva. Apesar desta dificuldade, a população Laklãnõ sempre esteve em busca de uma vida melhor para seu povo, e isso pode ser visto pelo fato de a comunidade nunca fazer discriminação entre si, mesmo sabendo que a comunidade é composta por uma miscigenação entre três etnias. É importante ressaltar que a educação desde seu início foi uma ferramenta de luta para garantir seus direitos de território e direitos como povos originários. Posso dizer que ao final deste trabalho aprendi ainda mais com meus anciãos e posso assim dizer com mais orgulho ainda que sou Laklãnõ/Xokleng e me sinto também feliz e orgulhoso em saber que os meus antepassados foram os principais autores e guerreiros para que eu pudesse hoje ainda estar vivo, foi de suma importância a montagem da genealogia porque através disso os seus descendente podem conhecer e contar a história de seu antepassados. E depois do contato os Laklãnõ continuaram a sofrer massacres e para que fossem verdadeiramente libertados foi necessário que mais uma vez um integrante da comunidade fosse lutar por essa liberdade e direito de luta e foi preciso que morresse pela comunidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, João Adão Nunc-Nfoonro, Vivências e sentidos do povo Laklãnõ Xokleng: o povo filho do sol. Blumenau, 2017.

BRASIL, LEI Nº 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850.  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L0601-1850.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0601-1850.htm)

Karai, Hugo Tekoa Takuaty: as lutas enfrentadas pelos Guarani na Terra Indígena Ibirama Laklãnõ. In. Leonardo da Silva Gonçalves; Gennis Timóteo Martins; Daniel Timóteo Martins & Domingo Hugo de Oliveira Karai (Orgs.) Território Guarani. Orientação Lucas Bueno e Carlos Maroto Guerola, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, 2016.

<https://licenciaturaindigena.paginas.ufsc.br/files/2017/08/Guarani.vfinal.pdf>

Mota, Lúcio Tadeu. Passo Ruim 1868: as estratégias dos Xokleng nas fronteiras de seus territórios do alto rio Itajaí. Rev. Bras. Hist. vol.37 no.75, São Paulo May/Aug. 2017.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882017000200169](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882017000200169)

Nötzold, Ana Lucia Vulfe; Rosa, Helena Alpini; Bringmann, Sandor Fernando (Orgs.). Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate. Porto Alegre, Pallotti, 2012.

Nötzold, Ana Lucia e Rosa, Helena Alpino (Orgs.). História e Cultura Xokleng: Escola Indígena de educação Básica Laklãnõ: livro 3. Florianópolis, Pandion, 2011.

Namem, Alexandro Machado, Botocudo: uma história do contacto / Alexandra Machado Namem. Florianópolis: Editora da UFSC, Blumenau: Editora da FURB, 1994.

Tomassino, Kimiye. A história dos Kaingang da bacia do Tibagi: uma sociedade Jê meridional em movimento. Tese de doutorado, Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 1995.

Garrote, Martin Stabel. OS CONFLITOS ÉTNICOS ENTRE COLONOS E ÍNDIOS NO SUL DE BLUMENAU/SC: MEMÓRIAS Anais do seminário de pesquisa em educação da região sul , 2012.

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2169/400>

Gakran, Nambla. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA GRAMÁTICA LAKLÃNÕ. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, maio de 2015.

<https://document.onl/documents/universidade-de-brasilia-unb-instituto-de-letras-il-gakranpdf-com-as-informacoes.html>

Patte, Ana Roberta Uglõ. Barragem Norte na Terra Indígena Laklãnõ. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

<https://licenciaturaindigena.paginas.ufsc.br/files/2015/04/Ana-Roberta-Uglo-Patt%C3%A9.pdf>